



A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DA CIDADE DE SALVADOR

VARIATION IN SUBJECT-VERB AGREEMENT IN THE
VERNACULAR PORTUGUESE OF SALVADOR

Dante Lucchesi*

Universidade Federal da Bahia

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma análise quantitativa da variação no uso da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural no vernáculo de falantes de quatro bairros populares da cidade de Salvador, com pouca ou nenhuma escolaridade, que segue os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e adota a perspectiva da polarização sociolinguística do Brasil, considerando o contato entre línguas um fator preponderante para a formação das variedades populares do português brasileiro. Os resultados revelaram um processo de mudança em curso no sentido do incremento do uso da regra de concordância no segmento social analisado. No plano do encaixamento estrutural do processo de variação, os fatores que favoreceram a implementação da regra foram: a maior diferença morfofonológica na marcação do plural, o traço semântico [+humano] no sujeito, a posição do sujeito imediatamente antes do verbo, a realização da regra de concordância de número no Sintagma Nominal sujeito, os verbos auxiliares, de ligação e agentivos. No plano discursivo, o falante respondeu positivamente a estímulos à concordância nas intervenções do pesquisador. No geral, os resultados da análise realizada confirmaram as predições do algoritmo da polarização sociolinguística do Brasil para a norma popular.

Palavras-Chave: Concordância verbal. Português popular do Brasil. Variação linguística. Mudança linguística. Contato entre línguas

* dante.lucchesi@gmail.com

Abstract: *The article presents the results of a quantitative analysis of the variation in the use of the verb agreement rule concerning the third person plural in the vernacular of speakers with little or no formal education, in four neighborhoods of lower socioeconomic level in the city of Salvador. The analysis follows the theoretical and methodological assumptions of variationist Sociolinguistics and adopts the perspective of sociolinguistic polarization of Brazil, considering linguistic contact to have been an important factor in the formation of the popular varieties of Brazilian Portuguese. The results reveal that a process of change is underway towards increased use of the agreement rule in the segment of society analyzed. Regarding the structural embedding of the change process, the factors favoring implementation of the rule were: greater morpho-phonological difference in plural marking, the semantic feature [+ human] in the subject, the position of the subject immediately before the verb, the realization of number agreement in the subject SN, and the presence of auxiliary, copular and agentive verbs. At the discursive level, the speaker responded positively to agreement stimuli in the speech of the researcher. Overall, the results of the analysis confirm the predictions of the sociolinguistic polarization algorithm of Brazil with regard to the vernacular norm.*

Keywords: *Verb agreement. Popular brazilian portuguese. Linguistic variation. Linguistic change. Language contact.*

1 INTRODUÇÃO

A concordância verbal é um aspecto linguístico que divide a sociedade brasileira, horizontalmente. Enquanto a elite letrada emprega quase sempre a regra de concordância, essa regra é muito pouco encontrada na fala dos segmentos populares sem acesso à cidadania e à educação escolar. Essa diferença no comportamento linguístico se reflete no plano da cultura e da ideologia. O não cumprimento da regra gramatical recebe uma avaliação explicitamente negativa entre membros da elite, ao passo que recebe pouca ou nenhuma valoração entre os falantes dos segmentos socialmente mais marginalizados. O estigma social que a elite brasileira imputa a essa característica da fala popular constitui um poderoso mecanismo de legitimação ideológica do sistema de exclusão social e exploração econômica que caracteriza a sociedade brasileira, como ficou claro no episódio do “livro de português do Ministério da Educação (MEC)”, ocorrido em maio de 2011, quando boa parte da elite letrada se revoltou, com ampla repercussão nos meios de comunicação de massa, contra o fato de um livro de Língua Portuguesa distribuído pelo MEC conter um capítulo sobre variação linguística, no qual se reconhecia como legítima, em seu contexto cultural próprio, a frase “*nós pega o peixe*”. (LUCCHESI, 2011, 2012a)

A maciça variação no uso das regras de concordância nominal e verbal que se observa atualmente na fala popular tem sua origem na imposição da

língua portuguesa a milhões de índios aculturados e africanos escravizados, durante a formação do Brasil. (LUCCHESI, 2001, 2002a, 2008a, 2009a, 2012b) O emprego do trabalho servil como motor do projeto colonial português demandava um violento processo de sujeição, que se estendia do plano físico ao psíquico e simbólico, engendrando assim uma das maiores mazelas da sociedade brasileira: o racismo. Esse processo era particularmente cruel com os africanos escravizados, que, sequestrados em massa de seu continente, eram misturados e proibidos de se comunicarem entre si, empregando suas línguas nativas.

Entretanto, a assimilação da língua do dominador por parte desses grupos dominados era, no geral, defectiva, dando origem a uma variedade de segunda língua utilizada pela população africana para se comunicar entre si e com seus senhores, que era desprovida de muitos dispositivos gramaticais, semelhante ao que, na Crioulística Contemporânea, denomina-se “jargão” ou “pré-pidgin”. (SIEGEL, 2008) Porém, não ocorreu no Brasil, como aconteceu nas sociedades agroexportadoras do Caribe, a crioulização da língua do colonizador europeu, e sim um processo de reestruturação mais superficial da língua dos senhores escravocratas, na medida em que essa língua ia se convertendo na língua materna dos filhos dos escravos africanos, os chamados “crioulos”. Procuramos formalizar teoricamente esse processo por meio do conceito de Transmissão Linguística Irregular (TLI) de tipo leve, em oposição à transmissão linguística irregular mais radical, própria dos contextos prototípicos de pidginização/crioulização. (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2003, 2008b, 2012b; LUCCHESI; BAXTER, 2006, 2009)

A principal diferença entre os processos de TLI leves e radicais é que nesses últimos ocorre uma reestruturação profunda da gramática, dando ensejo a uma língua nova, um *pidgin* ou crioulo, cuja gramática é qualitativamente distinta da língua dominante, da qual provem a maior parte do seu léxico. (ROUGÈ, 2008) Já nos casos de TLI leve, a estrutura gramatical da língua dominante é conservada em sua essência, ocorrendo somente um processo de simplificação morfológica, que afeta sobretudo os mecanismos gramaticais sem valor informacional, como as regras de concordância, de movimento e a flexão de caso. Contudo, a visão de que essa simplificação morfológica estava embutida na deriva secular da língua, defendida por Naro e Scherre (1993, 2007), deu ensejo a um intenso debate que tem conduzido à superação dessa visão imanentista, em função de sua inadequação.

Para além de sua inconsistência teórica, a hipótese da deriva tem sido negada pelos avanços nas pesquisas empíricas, particularmente sobre a concordância verbal. (LUCCHESI, 2012c; GALVES, 2012) Um dos pontos centrais na argumentação de Naro e Scherre era que a variação na concordância verbal existia no Brasil e em Portugal, havendo apenas uma diferença de intensidade entre os dois lados do Atlântico. No Brasil, a intensidade do fenômeno era maior por causa do contato entre línguas. Porém, já em 2000 argumentávamos que se tratava de dois fenômenos distintos, havendo, portanto, uma diferença qualitativa entre eles, e não uma mera diferenciação quantitativa, como postulado por Naro e Scherre. Enquanto se observava uma variação maciça no uso da concordância nas variedades populares do português brasileiro (PB), em todas as variedades do português europeu (PE) ocorreria apenas uma flutuação no emprego dessa regra, própria da fala em línguas com um sistema redundante de concordância. (LUCCHESI, 2000)

Recentemente, análises empíricas feitas por Ana Sartori Granda (2009) e Sílvia Rodrigues Vieira e Aline Bazenga (2013) comprovaram o caráter periférico do fenômeno no PE. Como afirmaram Antonia Mota e outros (2012, p. 166): “a ausência de marcas de concordância é quantitativamente irrelevante no português europeu e tipologicamente limitada – o português europeu caracteriza-se globalmente pela reiteração das marcas morfológicas de concordância”. E a análise de Vieira e Bazenga (2013) fornece a comprovação empírica para tal afirmação, ao encontrar um emprego praticamente categórico da regra de concordância verbal (com uma frequência geral de 99% do total de ocorrências), em uma amostra de fala com moradores do bairro de Oeiras, em Lisboa e da freguesia de Cacém, em Sintra.

Por outro lado, estudos variacionistas sobre a concordância verbal em variedades populares do PB têm constituído contraexemplos evidentes em relação a uma implicação da hipótese da deriva. Se assumirmos que existe um processo de longo prazo de perdas de marcas morfológicas embutido na deriva secular da língua, seria de esperado que análises em tempo aparente realizadas na atualidade apontassem para um processo gradual de perda das marcas de concordância verbal, como sugerido por Naro (1981). Mas, desde a década de 1980 até a atualidade, estudos variacionistas têm revelado um padrão de aquisição da regra de concordância em variedades populares do PB. (NINA, 1980; VIEIRA, 1995; SILVA, 2003, 2005; ARAÚJO, 2014)

Essa tendência de mudança, em contrapartida, ajusta-se perfeitamente ao algoritmo da “polarização sociolinguística”, que temos desenvolvido para explicar a realidade social da língua no Brasil. Essa formulação assenta na oposição entre duas grandes normas sociolinguísticas, a “norma culta” e a “norma popular”, que se opõem em três planos (LUCCHESI, 2001, 2002b, 2006, 2015):

- (i) na frequência de uso das variantes linguísticas (na maneira como seus membros usam a língua);
- (ii) na avaliação subjetiva da variação linguística (na maneira como seus membros avaliam as formas alternativas em uso na língua);
- (iii) nas tendências de mudança em curso (na maneira como esse grupo estaria mudando o seu comportamento linguístico).

Na norma culta (definida tradicionalmente como os padrões de comportamento linguístico dos falantes com nível superior completo de escolaridade), a frequência de emprego da regra de concordância é superior a 90% (GRACIOSA, 1991; SOUZA, 2009; ARAÚJO, 2014), aproximando-se do patamar que Labov (2003) definiu como sendo de uma regra semicategórica. Nesse universo, o não emprego da regra constituiria o que no paradigma variacionista se denomina um estereótipo. (LABOV, 2008) E as análises em tempo aparente têm revelado uma situação de “variação estável” com “gradação geracional” (GRACIOSA, 1991; SOUZA, 2009; ARAÚJO, 2014), nos termos de Labov (1994).

Já a norma popular (definida, também com base na escolaridade, como sendo constituída pelos padrões de fala dos indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade) tem se caracterizado, como acabamos de afirmar, por uma tendência ao incremento do uso das regras de concordância. No plano da avaliação subjetiva da variação e da mudança – que constitui o “problema da avaliação” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) –, o emprego da regra constituiria um “marcador”, na norma popular urbana, e um “indicador”, na norma popular rural (LUCCHESI, 2015), ainda na terminologia de Labov (2008).

Esse panorama atual da norma popular poderia ser explicado numa perspectiva histórica da seguinte maneira: no antecedente histórico da norma popular brasileira contemporânea, o que Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004)

denominou “português geral brasileiro”, os primeiros descendentes dos índios aculturados e africanos escravizados falavam uma variedade de português praticamente desprovida de marcas de flexão verbal de número e pessoa. Porém, com o passar do tempo, e sobretudo a partir da revolução de 1930, com o processo de industrialização e urbanização do Brasil, os descendentes desses indivíduos, nomeadamente os que migraram para as grandes cidades, foram adquirindo as marcas de concordância verbal, no processo de “nivelamento linguístico”, que constitui um dos elementos estruturantes da realidade sociolinguística do Brasil na atualidade. (LUCCHESI, 2001, 2002b, 2015)

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma análise variacionista da concordância verbal no português popular da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, que adota esse enquadramento da polarização sociolinguística do Brasil. Na primeira seção, apresentamos os resultados gerais da variação no segmento estudado, comparando-o com os resultados obtidos em análises de outras variedades do português brasileiro. Na segunda seção, apresentamos os resultados relativos aos condicionamentos estruturais do fenômeno variável em foco. Na terceira seção, analisamos o seu encaixamento na estrutura social. Ao longo de toda a análise, buscamos testar empiricamente a hipótese de que está em curso no segmento social analisado um processo de recomposição da regra de concordância verbal, que teria sido erodida no passado em função do contato entre línguas.

2 A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DO ESTADO DA BAHIA E NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR

Para verificar aqui a adequação empírica da equação da polarização sociolinguística do Brasil, em suas predições para a norma popular, vamos apresentar os resultados de uma análise quantitativa da variação na concordância verbal junto à terceira pessoa do plural que segue os preceitos teóricos e metodológicos do Programa de Pesquisa da Sociolinguística. (LABOV, 2008, 1994) Trata-se de uma análise em tempo aparente, que busca descrever um processo diacrônico de mudança, com base na observação sistemática de um processo sincrônico de variação, que, por suposto, constitui a atualização do processo de mudança em um ponto do devir histórico da língua. A análise é feita sobre uma amostra do vernáculo de moradores de bairros

populares da cidade de Salvador, com pouca ou nenhuma escolaridade, e foi conduzida no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia (www.vertentes.ufba.br), ou simplesmente Projeto Vertentes, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com a participação da bolsista de iniciação científica, Suelem Teixeira, no levantamento e codificação dos dados para a análise quantitativa.

A amostra utilizada faz parte do Acervo de Fala Vernácula do Popular da Cidade de Salvador Bahia, do Projeto Vertentes, e é constituída por 48 entrevistas de tipo sociolinguístico com moradores de quatro bairros populares da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia: Itapoã, Liberdade, Plataforma e Cajazeiras. Todos os informantes têm de zero a quatro anos de escolaridade e estão distribuídos equitativamente por sexo e três faixas etárias: (I) 25 a 35 anos; (II) 45 a 55 anos; (III) mais de 65 anos.

O fenômeno em foco foi formalizado como variável linguística, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), com dois valores: aplicação ou não da regra de concordância nas formas verbais finitas ligadas a um sujeito na terceira pessoa do plural, respectivamente exemplificados em (1) e (2):¹

(1) *Eles moram* comigo.

(2) *As menina fazia*, no meu cabelo, trança embutida.

No levantamento exaustivo das ocorrências do fenômeno assim definido como “variável dependente”, na amostra de fala analisada, foram desprezadas as ocorrências com verbo no infinitivo, de sujeito indeterminado e das formas verbais em que a oposição entre a forma da terceira pessoa do singular e do plural foi neutralizada na oralidade (e.g., *ele tem/eles têm*). Os dados coletados foram codificados para o processamento quantitativo do Programa GoldVarb (GUY; ZILLES, 2007; NARO, 2003a; SCHERRE; NARO, 2003), que através de uma análise multivariada estima o efeito simultâneo de todas as variáveis que condicionam o fenômeno em foco. O resultado básico da quantificação revelou uma frequência de aplicação da regra de praticamente 27% do total de ocorrências. Ou seja, os falantes da base da pirâmide social da cidade de Salvador, em média, empregam a regra de concordância verbal em apenas uma de cada quatro formas verbais ligadas a sujeitos referenciais da terceira pessoa do plural que produzem em sua linguagem coloquial.

¹ Os exemplos são retirados da amostra de fala analisada.

Por um lado, o cotejo com falantes com nível superior de escolaridade, definidos como falantes da norma culta, revela uma enorme diferença na frequência de uso da regra, pois Constância Borges de Souza (2009), em análise variacionista do fenômeno também em Salvador, constatou que os falantes com diploma universitário aplicam a regra numa frequência média de 92% do total. Essa avassaladora diferença é a manifestação mais objetiva do fosso sociolinguístico que divide a sociedade brasileira.

Por outro lado, o cotejo com as demais variedades populares do português no estado da Bahia descortina um *continuum*, com a proeminência da variedade da capital, de um lado, e, de outro, o distanciamento da variedade usada em comunidades rurais isoladas formadas por descendentes diretos de escravos africanos, muitas delas oriundas de antigos quilombos. Como se pode ver na Tabela 1, a maior frequência de aplicação da regra se observa na capital do Estado (27,1%), e vai caindo progressivamente, quando se passa para as variedades do português popular de uma cidade de médio porte do Estado, Feira de Santana (24,5%), que tem mais 500 mil habitantes, e, em seguida, para municípios do interior do Estado, cuja sede congrega menos de 100 mil habitantes, Santo Antônio de Jesus e Poções (21,3%), até chegar às comunidades rurais afro-brasileiras, em que se encontra a mais baixa frequência de aplicação da regra de concordância verbal (16%). A variedade de fala dessas comunidades, denominada “português afro-brasileiro” (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), exibiria os reflexos mais notáveis do contato entre línguas entre as variedades populares do português brasileiro, por conta das peculiaridades de sua formação histórica e por se terem mantido em relativo isolamento até bem pouco tempo.

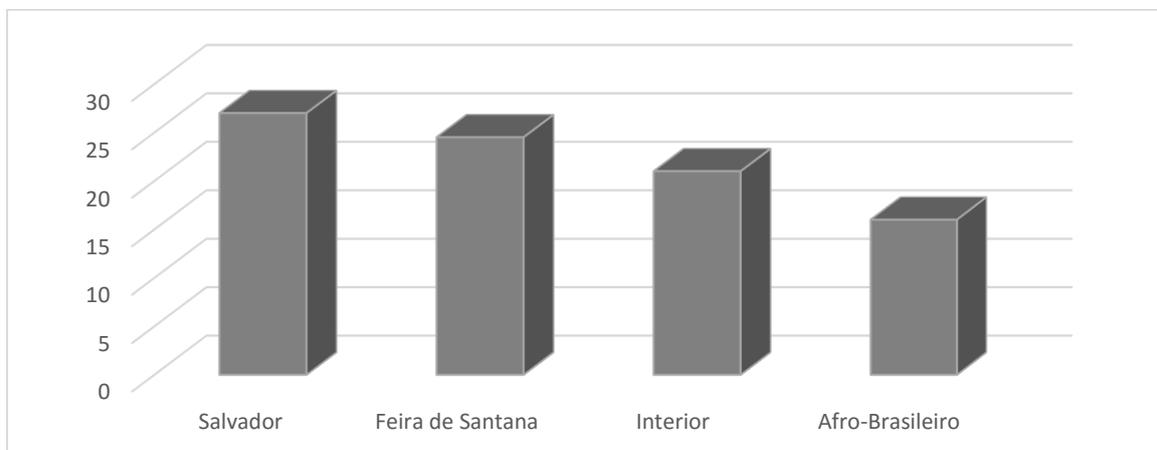
Em seu todo, o *continuum* manifesta o processo de nivelamento linguístico em que os modelos da norma urbana de prestígio se propagam das grandes cidades brasileiras para as demais variedades linguísticas e para todas as regiões do país, tendo como principal canal de difusão os meios de comunicação de massa (além da escolarização e do deslocamento populacional), como previsto no algoritmo da polarização sociolinguística do Brasil. (LUCCHESI, 2001, 2002b, 2015) O Gráfico 1 exibe a representação visual desse *continuum*.

Tabela 1– Frequência de aplicação da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural em variedades do português popular do estado da Bahia

Português popular	Ocorrências	Frequência
De Salvador	623/2.300	27,1%
De Feira de Santana	321/1.310	24,5%
Do interior do Estado	487/2.283	21,3%
De comunidades afro-brasileiras	273/1.706	16%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Gráfico 1– Frequência de aplicação da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural em variedades do português popular do estado da Bahia



Fonte: Elaborado pelo autor.

As diferenças quantitativas que se observam na frequência de uso da regra entre as variedades do PB desde a norma culta até o português afro-brasileiro não interferem significativamente no condicionamento linguístico do fenômeno variável. Os principais fatores que favorecem ou inibem a aplicação da regra de concordância verbal são mais ou menos os mesmos em todas as variedades, como esperado em face da natureza desses condicionamentos estruturais, como se pode deduzir do Efeito de Taxa Constante (ing. *Constant Rate Effect*), proposto por Anthony Kroch (1989), e como se poderá constatar na próxima seção deste artigo.

3 O ENCAIXAMENTO ESTRUTURAL DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR

Um dos aspectos centrais da Teoria da Variação, desde a sistematização clássica de Weinreich, Labov e Herzog (2006), é sistematizado no “problema do encaixamento”, ou seja, a definição de como a estrutura da língua afeta um processo de variação e conseqüentemente a implementação do processo de mudança que se atualiza, em um dado momento, nesse processo de variação analisado. A mudança linguística não é aleatória, nem acontece no vácuo, ela ocorre na estrutura da língua e na estrutura social da comunidade de fala, e sua implementação é determinada pela forma como ela se encaixa em ambas as estruturas. Portanto, a análise da variação estrutural e social pode revelar a quantas anda o processo de implementação da mudança. Assim, o problema do encaixamento se divide em dois: o encaixamento estrutural e o encaixamento social da mudança. Nesta seção trataremos do primeiro, a seção seguinte focalizará o segundo.

No encaixamento estrutural da variação na concordância verbal junto a terceira pessoa do plural, mostraram-se relevantes as seguintes variáveis linguísticas explanatórias: (i) saliência fônica; (ii) marca de plural no último constituinte do Sintagma Nominal (SN) sujeito que está antes do verbo; (iii) caracterização semântica do sujeito; (iv) realização e posição do sujeito; (v) tipo de verbo; e (vi) coesão estrutural. Revelou-se igualmente significativa uma variável discursiva: a presença de um estímulo à concordância na fala do entrevistador.

Os resultados quantitativos de cada uma dessas variáveis linguísticas e discursivas serão apresentados a seguir, de acordo com a ordem de seleção, por ordem de significância estatística, do Programa GoldVarb. Na análise qualitativa desses resultados, vamos assumir que está em curso um processo de mudança no sentido da implementação da regra de concordância no segmento social analisado, como prevê a nossa hipótese de trabalho. Assim, o fator de aplicação utilizado no processamento quantitativo será o emprego da regra de concordância, identificando os contextos que favorecem a sua aplicação e *a fortiori* a implementação da mudança e aqueles que desfavorecem o seu uso e, logo, colocam-se como obstáculos à consecução da mudança.

3.1 A saliência fônica

O grau de diferenciação morfofonológica entre a forma da terceira pessoa do plural e a forma da terceira pessoa do singular tem-se mostrado um fator determinante no emprego da regra de concordância verbal no português brasileiro, desde o estudo pioneiro de Mirian Lemle e Anthony Naro (1977). O princípio básico é o de que, quanto maior for a diferença morfofonológica entre a forma marcada e a forma não marcada, maior será a probabilidade de o falante fazer a concordância verbal. Anthony Naro (1981, p. 78) refinou o princípio, conjugando os parâmetros “presença ou ausência de acento na desinência flexional” e “quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma do plural”. Em Scherre e Naro (1997, p. 96-97), são apresentadas as seis classes derivadas da conjugação desse dois parâmetros; sendo três níveis em sílaba não acentuada: “1a: não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural; 1b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural; 1c: envolve acréscimo de segmentos na forma plural”; e três níveis na sílaba acentuada: “2a: envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural; 2b: envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural; inclui o par “foi/foram”, que perde a semivogal; 2c: envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas”. Os resultados quantitativos obtidos em nossa análise, para cada uma dessas seis classes, da menos saliente para mais saliente, são apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “saliência fônica”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Grau de saliência fônica	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Nível 1a: sabe/sabem	17/193	8,8%	0.199
Nível 1b: gosta/gostam	111/808	12,1%	0.268
Nível 1c: diz/dizem	34/191	18,8%	0.348
Nível 2a: vai/vão	130/311	41,8%	0.712
Nível 2b: contou/contaram	213/454	47,1%	0.816
Nível 2c: veio/vieram, é/são	118/232	50,9%	0.824
Total	623/2.300	27,1%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor.

O princípio da saliência fônica se confirma completamente, inclusive em sua natureza escalar (NARO; SCHERRE, 1999), pois a frequência de concordância sobe regularmente quando se passa de um nível menos saliente para o nível imediatamente mais saliente, com confirmação dos pesos relativos. Nota-se a grande diferença que separa os níveis situados em sílaba átona dos níveis situados na sílaba tônica: a frequência de aplicação da regra de concordância verbal no nível 1c (o mais saliente na sílaba tônica) é de apenas 18,8%, com peso relativo de 0.348, subindo para uma frequência de 41,8% (mais do que o dobro), com peso relativo de 0.712, quando se passa para o nível imediatamente superior, o nível 2a, que é o nível menos saliente na sílaba tônica. Isso revela que a tonicidade é um fator preponderante dentro do efeito da saliência fônica sobre o acionamento da regra de concordância.

3.2 Marca de plural no último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo

Nesta variável, buscamos focalizar o efeito da presença ou ausência de marca de plural no último constituinte do sujeito que precede imediatamente ao verbo. Controlamos também, como um fator, as ocorrências em que o último constituinte do sujeito era um numeral. Foram descartadas, nesse grupo de fatores, as ocorrências de sujeito nulo, sujeito retomado por um pronome relativo, com constituintes intervenientes entre o sujeito e o verbo, com o sujeito posposto ao verbo e as ocorrências em que o último constituinte do sujeito era uma palavra que não se flexionava em número. Apesar de não haver uma uniformidade no tratamento dos condicionamentos sintáticos da regra de concordância verbal nas diversas análises variacionistas sobre o tema, há uma grande convergência nos resultados dessas análises no sentido de que a marcação do plural no último constituinte do SN sujeito que antecede imediatamente ao verbo favorece a aplicação da regra de concordância, enquanto sua ausência inibe a aplicação da regra. (ARAÚJO, 2014; MONGUILHOT, 2001, 2009; RÚBIO, 2008; SCHERRE; NARO, 1993; VIEIRA, 1995) Anthony Naro e Marta Scherre (1993, p. 2-4) procuraram explicar essa correlação, “partindo do princípio de que formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas” (SCHIFFRIN, 1981), o que expressa uma tendência, no uso real da língua, “de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLACK, 1980; NARO, 1981), no que denominaram “paralelismo formal no

nível clausal”; designação que vem sendo adotada pela maioria das análises variacionistas feitas no Brasil, desde então. Para Scherre (1998, p. 49), trata-se de uma “repetição meramente mecânica”.

Para análise dessa variável, estruturamos o grupo de fatores da seguinte maneira:

Verbo antecedido pelo pronome *eles/elas* com a função de sujeito

- (1) Sim, mas eles *vão* mim dá uma autorização pra eu tirá o dinheiro.
- (2) Eles *vai* invadino.

O último elemento do SN sujeito imediatamente antes do verbo é um constituinte com marca de plural

- (3) E eu sei, meus filhos *estudam* aí,
- (4) Minhas irmãs *casô*, mas eu não.

O último elemento do SN sujeito imediatamente antes do verbo é um constituinte sem marca de plural

- (5) Todos três novo *morrero* de acidente de carro.
- (6) Os tríos elétrico *sáia* doze hora, antigamente, né?

O último elemento do SN sujeito imediatamente antes do verbo é um determinante com marca de plural

- (7) Que os meus já *acabaram*.²
- (8) Um diz que teve, ôtos *diz* que não.

O último elemento do SN sujeito imediatamente antes do verbo é um determinante sem marca de plural

- (9) Os ôto *dizem* que tem muito.
- (10) Os meu *vão*.

O último elemento do SN sujeito imediatamente antes do verbo é um numeral

- (11) Todos dois já *são* morto.
- (12) Os ôtos dois *conseguiu* escapá.

² Os monossílabos não foram considerados como elementos intervenientes relevantes entre o sujeito e o verbo (ver nota 4).

Muitas análises não atentam para o fato de o último constituinte do SN estar ou não imediatamente antes do verbo, arrolando nessa variável as ocorrências com elementos intervenientes ou com sujeito retomado por pronome relativo. (NARO; SCHERRE, 1993) Como focalizamos, em princípio, a relação mais imediata e mecânica entre a forma do último constituinte do SN sujeito e o verbo, achamos por bem retirar as ocorrências com elementos intervenientes, porém isso não parece ser relevante, considerando os resultados das análises que fazem isso e os das que não fazem, o que aponta no sentido de que essa relação não é tão mecânica assim e demanda uma análise estrutural mais profunda.

Por outro lado, isolamos o fator do sujeito formado por um pronome pessoal (*eles/elas*), ao passo que essas ocorrências são colocadas no rol dos contextos de neutralização em outras análises. Nossa decisão se mostrou acertada. Além disso, destacamos as ocorrências de SN sujeito que terminavam com um determinante (com núcleo não realizado), em oposição às ocorrências de SN que terminavam com o núcleo nominal, um modificador, ou um constituinte flexionável de um sintagma preposicionado ou oração relativa encaixada no SN sujeito. Essa decisão se deu mais em função da distribuição quantitativa dos dados do que por uma motivação teórica propriamente dita.

Com essa configuração, a variável produziu os seguintes resultados na análise multivariada:

Tabela 3 –A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “forma do último constituinte do SN sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Forma do último constituinte	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Pronome <i>eles/elas</i>	218/433	50,3%	0.785
Determinante com marca de plural	27/66	40,9%	0.645
Constituinte com marca de plural	19/83	22,9%	0.335
Determinante sem marca de plural	15/67	22,4%	0.296
Constituinte sem marca de plural	41/382	10,7%	0.252
Numeral	8/46	17,4%	0.183
Total	335/1078	31,1%	0.361

Fonte: Elaborada pelo autor.

O contexto que mais favoreceu a aplicação da regra de concordância foi a presença do sujeito pronominal imediatamente antes do verbo, com expressivo peso relativo de 0.785. Isso parece indicar que o efeito da marca precedente de plural é mais forte no sujeito pronominal do que nos SNs sujeito. O caráter mais gramatical do pronome e sua forma mais sintética podem explicar esse realce maior da marca de plural. O outro fator que favoreceu bastante a concordância verbal foi a presença de um determinante com marca de plural imediatamente antes do verbo, com peso relativo igualmente expressivo de 0.645. Já a marca de plural no último constituinte do SN sujeito antes do verbo, que aparece em terceiro lugar, na ordem decrescente de pesos relativos, não se mostrou um fator que favoreça propriamente a concordância, com peso relativo de apenas 0.335. Essa diferenciação não capturada pelas outras análises pode lançar algumas luzes sobre certos aspectos da estrutura da gramática. Por um lado, reforça uma relação de identidade entre os pronomes pessoais e os determinantes, destacada por alguns teóricos formalistas. Por outro lado, reforça a proeminência da marca de plural nos determinantes, o que já é atestado pelos estudos da concordância nominal de número.

De qualquer forma, a ausência de marca de plural no constituinte que antecede imediatamente o verbo, seja ele determinante ou não, revelou-se um contexto que certamente desfavorece a concordância, com pesos relativos de 0.296, para o determinantes, e 0.252, para os demais constituintes.

A presença de um numeral imediatamente antes do verbo revelou o contexto que mais desfavorece a concordância, com peso relativo de 0.183; resultado que também foi encontrado nas análises de Vieira (1995, p. 83-86) Araújo (2014, p. 297), e semelhante ao encontrado por Mongulhott (2009, p. 122-124); embora, na análise de Naro e Scherre (1993, p. 8), esse fator tenha se situado “numa faixa intermediária”, como aconteceu na análise de Rúbio (2008, p. 86). Assim, como para Mongulhott, os resultados contrariaram nossa expectativa inicial, pois pensávamos que o numeral, ao expressar a ideia de plural de forma mais transparente, favoreceria a concordância. Porém, diante dos resultados desta variável, concluímos com Araújo (2014, p. 297), que o feito sobre a concordância seja mais de natureza formal do que semântica. Esse resultado associado ao resultado dos determinantes aponta mais para uma relação estrutural entre as marcas do que para uma “mera repetição mecânica”.

Outras análises distinguem a presença ou ausência de marca no núcleo do SN, por um lado, e a presença ou ausência de marca em constituinte de um

sintagma preposicionado, por outro, sem que essa distinção se mostre relevante. (NARO; SCHERRE, 1993; RÚBIO, 2008) A presença da marca de plural no núcleo do SN no mais das vezes significa a realização da concordância nominal de número no SN sujeito, o que foi capturado nesta análise, em outra variável.

3.3 Efeito de gatilho

A terceira variável selecionada pelo GoldVarb como estatisticamente relevante foi uma variável de natureza discursiva. Trata-se de aferir se a fala do entrevistador influencia o comportamento do falante em relação ao emprego da regra de concordância. Essa é uma variável que não é muito utilizada nas análises variacionistas sobre o tema, mas já se revelou produtiva nas análises de Jorge Augusto Alves da Silva (2005) e Silvana Araújo (2014). Assim, a variável foi estruturada com dois valores:

Com estímulo favorável à concordância na fala do entrevistador³

(13) DOC: Então eles se *incentivoam*, né?

INF: Se *incentivam*.

(14) DOC: Elas se *comportam*, as crianças?

INF: Não! Se *comporta* não.

Com estímulo desfavorável à concordância na fala do entrevistador

(15) DOC: São... é... já *perdeu* de ano?

INF: Se eles já *perdero*?

(16) DOC: E seus menino *estuda* aonde?

INF: Eles *estuda* no tia Aline.

Os resultados quantitativos são apresentados na Tabela 4:

³ Na transcrição das entrevistas, a fala do entrevistador é marcada com DOC (documentador) e a do falante, com INF (informante).

Tabela 4 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “efeito de gatilho”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Estímulo do entrevistador	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Favorável à concordância	61/131	46,6%	0.567
Desfavorável à concordância	6/30	20%	0.236
Total	67/161	41,6%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor.

Confirmou-se a influência da fala do entrevistador sobre o emprego da regra de concordância verbal por parte do falante. Quando há um estímulo favorável na pergunta do entrevistador, a frequência de uso da regra de concordância por parte do falante é mais do que o dobro da frequência de quando há um estímulo desfavorável – 46,6% contra 20%, com pesos relativos de 0.567 contra .236. Para além da interferência natural, deve pesar também o valor simbólico da hierarquia social, já que o entrevistador é um indivíduo de classe média e universitário, enquanto o entrevistado é um falante de classe baixa, com pouca ou nenhuma escolaridade.

3.4 Caracterização semântica do sujeito

O traço semântico [+humano] do sujeito também tem se mostrado um fator que favorece a aplicação da regra de concordância verbal, como observado nas análises de Cássio Rúbio (2008, p. 112), sobre a variação na concordância na língua falada no oeste de São Paulo, e de Isabel Monguilhott (2009, p. 126-127), sobre o português de Florianópolis, entre outros. Os resultados quantitativos dessa variável são apresentados na Tabela 5:

Tabela 5 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “saliência fônica”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .009)

Traço semântico	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
[+humano]	599/2040	29,4%	0.528
[-humano]	24/260	9,2%	0.293
Total	623/2.300	27,1%	0.382

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados quantitativos comprovam que o falante aplica mais a regra de concordância quando o sujeito da oração se refere a seres humanos, pois nesse contexto a frequência de aplicação da regra sobe de 27,1% para 29,4%, com peso relativo de 0.528; por outro lado, o emprego da regra cai drasticamente, para apenas 9,2% de aplicação da regra (com peso relativo de 0.382), quando o sujeito da oração se refere a animais e coisas. Dessa forma, os resultados apontam mais no sentido de uma forte inibição da aplicação da regra de concordância com sujeitos que se referem a coisas concretas ou conceitos abstratos.

3.5 Realização e posição do sujeito

Essa variável tem se mostrado fundamental para a compreensão de como a configuração estrutural da oração afeta o mecanismo da concordância, embora não haja uma uniformidade no seu tratamento. Muitos estudos focalizam apenas a posição do sujeito em relação ao verbo (MONGUILHOTT, 2001, 2009), outros consideram também, em outra variável, a presença de constituintes intervenientes entre o sujeito e o verbo, mensurados pelo número de sílabas (NARO; SCHERRE, 1999; VIEIRA, 1995), já outros combinam as duas variáveis em uma só. (RÚBIO, 2008) Mas praticamente todas as análises do fenômeno comprovam que a posposição do sujeito inibe a aplicação da regra de concordância verbal. (ARAÚJO, 2014; MONGUILHOTT, 2001, 2009; RODRIGUES, 1987; SILVA, 2005; VIEIRA, 1995) Eunice Pontes (1986, p. 52) explica o fato, afirmando que o estatuto do sujeito posposto seria semelhante ao do objeto direto em português. Já a mensuração do material interveniente em sílabas apresenta o problema de tratar da mesma forma elementos que têm um estatuto sintático totalmente distinto, como por exemplo o advérbio “já”, o relativo “que” e o clítico “me”; sendo todos os três considerados como uma sílaba entre o sujeito e o verbo.

Temos estruturado essa variável, de modo a conjugar a realização, posição e presença de constituinte entre o sujeito e o verbo simultaneamente. Essa proposta de análise tem sido utilizada em análises variacionistas, como as de Silva (2003, 2005) e Araújo (2014), e tem se revelado bastante profícua. Em nossa proposta, a variável contém os seguintes valores:

Sujeito realizado imediatamente antes ao verbo

- (17) E as minhas irmã *são* moderna.
(18) Todos os blocos *passava* por aqui.

Sujeito realizado antes do verbo com um ou mais constituintes intervenientes⁴

- (1) Muitos colega **também** *conseguiram* também.
(2) Muitas criança **já num** *gosta* de estudá.

Sujeito anteposto ao verbo com um sintagma preposicionado (SPrep) ou uma oração relativa

- (3) Quero não, porque todos que eu me aproximo *me roubam*.
(4) Aí os cara de lá da rua *tava brigano*.

Sujeito retomado por pronome relativo⁵

- (5) É, meus vizinho, tem uns **que** *são* bons, tem uns *que* são ruim.
(6) Era os próprios segurança **que** *contratava* os maus elementos.

Sujeito não realizado

- (7) Eles acharo que foi a gente, aí *escarreraro* a gente, né?
(8) As pessoas qué comprá um gás, *qué* pegá uma água, num *pode*.

Sujeito posposto

- (9) *Morreram* dois, *ficô* quatro, são dois irmão.
(10) A gente não sabe quem é quem, ainda mais hoje em dia, do jeito que *tá* as coisa, né?

Com essa configuração, a variável apresentou os seguintes resultados quantitativos:

⁴ Só foram computados como material interveniente constituintes com mais de uma sílaba, os monossílabos isolados não foram considerados (cf. nota 2).

⁵ As orações clivadas foram incluídas nesse fator (cf. exemplo 6).

Tabela 6 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “realização e posição do sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Imediatamente anteposto ao verbo	325/1.054	30,8%	0.523
Não realizado	195/707	27,6%	0.515
SN com relativa ou SPrep	12/69	17,4%	0.513
Retomado por pronome relativo	55/245	22,4%	0.505
Anteposto com constituinte interveniente	25/114	21,9%	0.471
Posposto ao verbo	11/111	9,9%	0.225
Total	623/2.300	27,1%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como observado em todas as análises sobre o tema, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é o contexto que mais favorece a concordância. Isso se deve à facilidade de processamento linguístico já que a especificação de pessoa e número do SN está explicitamente disponível, imediatamente antes do verbo. Por outro lado, o sujeito não realizado se mostrou favorável ao mecanismo da concordância verbal, o que não é muito observado.⁶ Nesse caso, pode-se invocar um princípio funcional: a ausência do sujeito aumenta o valor informacional da flexão verbal, embora o ouvinte possa, na maioria das vezes, obter essa informação por meios discursivos e/ou pragmáticos.

Porém, essa definição do grupo de fatores revelou coisas interessantes. Por exemplo, a presença de uma oração relativa ou sintagma preposicionado no interior do SN sujeito, que alguns autores computam como material interveniente (NARO; SCHERRE, 1999), não afeta tanto a aplicação da regra de concordância quanto a presença de constituintes independentes entre o sujeito e o verbo. Em pesos relativos, temos, respectivamente, .513 e .471. Esses números significam que, quando o sujeito contém um SPrep ou uma relativa, a concordância é ligeiramente favorecida; quando há um elemento interveniente entre o sujeito e o verbo, a regra é um pouco desfavorecida.

⁶ Os resultados de Vieira (1995, p. 104), por exemplo, apontam o sujeito não realizado como fator que não favorece a concordância verbal.

O sujeito retomado por um pronome relativo revelou-se um fator praticamente neutro em relação à concordância, com peso relativo de .505. E, como em todas as demais análises, a posposição do sujeito se mostrou como o fator que mais desfavorece a concordância, com peso relativo de somente .225. O Programa Minimalista, proposto por Noam Chomsky (1995), prevê um processo de checagem de traços no processamento linguístico da frase, que está na base dos mecanismos sintáticos da concordância e do movimento. Segundo a Teoria Gerativa também, todos os processos sintáticos se dão da direita para a esquerda. Assim, a presença do sujeito à esquerda do verbo possibilitaria a checagem dos traços de pessoa e número entre este e o verbo, desencadeando a concordância verbal; o que não ocorreria quando o sujeito está à direita do verbo.

3.6 Tipo de verbo

Muitas das análises sociolinguísticas da variação na concordância verbal não consideram essa variável. Quando é considerada (MONGUILHOTT, 2001, 2009), essa variável se concentra no comportamento dos chamados “verbos inacusativos”. Trata-se de um conceito da Gramática Gerativa, em seu modelo da Regência e Ligação, (CHOMSKY, 1981, 1986) Segundo essa teoria, verbos como “dormir”, “desmaiar” e “chegar”, constituiriam uma subclasse dos verbos intransitivos, pois selecionariam semanticamente um argumento com natureza de objeto, mas não seriam capazes, no plano da sintaxe, de atribuir caso acusativo a esse argumento interno, que seria, por isso, alçado para a posição de sujeito, para receber caso nominativo, pela concordância verbal. Os demais verbos intransitivos, como “trabalhar”, “correr” e “dançar”, têm uma natureza agentiva e selecionariam um argumento externo, tanto semântica quanto sintaticamente. Esse sujeito normalmente antecede o verbo e recebe caso por concordância.

O que, portanto, caracteriza os verbos inacusativos é a sua natureza não agentiva e uma aceitação maior da posposição do sujeito (e.g., só nasceram três filhotes). Essas duas características dos sujeitos dos verbos inacusativos (caráter não agentivo e posposição frequente) é que inibiriam a aplicação da regra de concordância verbal. Há, porém, nessa taxonomia gerativista alguns problemas, como classificar como inacusativos os verbos de movimento, como “ir”, “chegar”, “partir”. Trata-se, evidentemente, de verbos agentivos, que

selecionam um argumento interno de natureza locativa (ou seja, um argumento interno ou complemento verbal locativo), não se encaixando no perfil dos verbos inacusativos, embora, em francês e italiano, eles tomem o verbo “ser” como auxiliar na formação do passado composto (e.g., *lui è andato* “ele foi”), como os verbos inacusativos propriamente ditos (e.g., *lui è morto* “ele morreu”), e não o verbo “haver”, como o fazem os verbos transitivos agentivos (e.g., *lui ha lavorato* “ele trabalhou”).⁷

Assim, não vamos adotar aqui a taxonomia gerativista, apesar de desmembrarmos os verbos intransitivos em agentivos e não agentivos, porque vamos destacar os “verbos de movimento” como um fator a parte. Além disso, vamos destacar também os verbos de ligação e os auxiliares prototípicos, que atuam na formação dos chamados “tempos compostos” (ter, haver, estar e ir),⁸ bem como os chamados “auxiliares modais” (poder, querer, dever), “aspectuais” (*continuar a fazer, acabar fazendo, costumava fazer*), e também os chamados “verbos leves” (dar risada “rir”, fazer esforço “esforçar-se”, tomar parte “participar”). Por fim, vamos reunir em um único fator os verbos transitivos que selecionam um sujeito com papel temático de PACIENTE (e.g., João apanhou do irmão, os meninos sofreram agressões), as chamadas “construções ergativas”, em que o complemento do verbo é alçado a posição de sujeito paciente (e.g., os copos quebraram, os pneus esvaziaram) e as construções da voz passiva (e.g., as crianças já foram encontradas), o que congrega esse fator é caráter não agentivo do sujeito, considerado como um elemento que desfavorece a concordância verbal. Os verbos transitivos que selecionam um argumento externo com o papel temático de AGENTE (e.g., gostar, dar, bater, dividir) constituem a classe mais numerosa e foram agrupados em um único fator.

Assim estruturado, o grupo de fatores apresentou os seguintes resultados quantitativos:

⁷ Esse fato é tomado como evidência empírica pelos gerativistas para sustentar sua proposição de uma classe especial de verbos inacusativos.

⁸ Na linguagem coloquial, o verbo “ir” tem sido largamente usado na formação do futuro composto: vou trabalhar amanhã (por trabalharei amanhã) e ia trabalhar amanhã (trabalharia amanhã).

Tabela 7 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “tipo de verbo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Tipo de verbo	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Auxiliares	69/182	37,9%	0.557
Ligação	134/360	37,2%	0.554
Intransitivos agentivos	39/158	24,7%	0.550
Transitivos	253/944	26,8%	0.515
De movimento	78/327	23,9%	0.494
Modais, aspectuais e leves	18/112	16,1%	0.392
Intransitivos não agentivos	26/163	16%	0.350
Pacientes, ergativos e na voz passiva	6/54	11,1%	0.289
Total	623/2.300	27,1%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os resultados probabilísticos foram muito consistentes e significativos, estabelecendo pontos de contato muito interessantes com a teoria da gramática. Os verbos auxiliares, de ligação e intransitivos agentivos foram os fatores que mais favoreceram a aplicação da regra de concordância verbal, com pesos relativos de 0.557, 0,554 e 0.550, respectivamente. Os verbos auxiliares e de ligação têm uma natureza bem gramatical e são considerados, dentro do Modelo da Regência e Ligação, a própria expressão da Flexão Verbal, sendo o núcleo do Sintagma Flexão (SFLEX). Essa natureza fatalmente favorecerá a concordância verbal.⁹ Os intransitivos que selecionam um sujeito AGENTE também favorecerão certamente o uso da regra de concordância, como previsto na hipótese de trabalho, em função do papel temático do sujeito. Os verbos transitivos se revelaram um fator bem próximo à neutralidade, com peso relativo de .515. cremos que isso se deve à heterogeneidade dessa classe, disparadamente mais numerosa, perfazendo sozinha quase a metade das ocorrências (41%, 944 em 2.300). Talvez seja o caso de, nas próximas análises,

⁹ Deve-se registrar aqui que os verbos copulativos constituem um dos contextos que limitam a falta de concordância verbal no português europeu, como se pode depreender dos dados de não concordância no PE disponibilizados por Varejão (2006). O fato de esse contexto favorecer a concordância no português popular brasileiro constitui, portanto, outra evidência de que se trata, efetivamente, de fenômenos distintos.

subdividir essa classe em, por exemplo, verbos de ação, como “empurrar” e “comer”, de verbos de estado, como “gostar” e “saber”.

Os verbos de movimento também se mostraram um fator próximo à neutralidade, com peso relativo de 0.494. Isso estaria relacionado à sua natureza híbrida, pois selecionam um sujeito AGENTE, mas podem exibir características típicas dos verbos inacusativos, como em construções do tipo: chegaram três convidados. De qualquer forma, eles exibiram um comportamento bem distinto dos intransitivos não agentivos (ou inacusativos propriamente ditos), que se mostraram um fator claramente desfavorecedor da concordância, como era esperado, com peso relativo de apenas 0.350. Os verbos modais, aspectuais e leves também desfavoreceram a concordância, com peso relativo de 0.392. Isso pode estar relacionado ao seu caráter menos gramatical do que os auxiliares prototípicos e à sua natureza modalizadora, o que atenuaria a agentividade do sujeito, em muitos casos. Por fim, o fator que reúne os verbos transitivos que selecionam um sujeito com papel temático de PACIENTE, as construções passiva e ergativas se revelou o fator que mais desfavoreceu a aplicação da regra, com peso relativo de apenas 0.289, o que reforça a preponderância da agentividade do sujeito como elemento desencadeador da concordância verbal.

3.7 A coesão estrutural

O Princípio da Coesão Estrutural foi proposto por Lucchesi (2000) e retomado por Lucchesi e Ribeiro (2009), e já mostrou seu valor heurístico na análise da variação na concordância verbal. (ARAÚJO, 2014; SILVA, 2005) O princípio da coesão estrutural está relacionado à noção de “competição de gramáticas” de Anthony Kroch (2001, p. 723) e se refere à “propensão de co-ocorrência de estruturas de uma mesma gramática numa determinada porção da sentença”, de modo que “essa propensão seria condicionada, em primeiro lugar, pelo grau de coesão da estrutura delimitada. Assim, haveria uma maior propensão de co-ocorrência de estruturas de uma mesma gramática em seus nódulos mais coesos do que nos nódulos mais periféricos”. (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009, p. 151-152)

Aplicando-se esse princípio à estrutura em que se emprega a regra de concordância verbal, pode-se prever que haverá mais concordância verbal quando o falante faz a concordância de número no SN sujeito do que quando ele não faz, como se pode ver nos exemplos abaixo:

SN Sujeito com concordância de número

(11) As pessoas *viram* lobisomem, agora ele, não.

SN Sujeito sem concordância de número

(12) Tem hora que *os* *carro* se bate um no outro.

É claro que essa predição baseada no princípio de coesão estrutural tem um caráter probabilístico, e é nesses termos que ela deve ser testada empiricamente, como foi feito na análise quantitativa da variável que apresentou os seguintes resultados:

Tabela 8 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “concordância de número no SN sujeito”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

SN sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Com concordância no SN sujeito	44/169	26%	0.637
Sem concordância no SN sujeito	84/650	12,9%	0.463
Total	128/819	15,6%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor

Assim como nas análises de Silva (2003, 2005) e Araújo (2014), a coesão estrutural se mostrou aqui um fator preponderante na aplicação da regra de concordância verbal. Quando o falante faz a concordância de número no SN sujeito, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal sobe de 15,6% (a frequência geral de aplicação da regra neste grupo de fatores) para 26% (com peso relativo de 0.637); e cai pela metade (para 12,9%), quando ele não faz, com peso relativo de 0.463.¹⁰ A coesão estrutural se dá, na medida em que o SN sujeito atua como o especificador da concordância verbal, como previsto pela Teoria Gerativa. Assim, essa estreita relação entre o SN sujeito e a flexão verbal de número e pessoa, favorece a que a opção por uma gramática de marcação morfológica percole de uma estrutura a outra.

¹⁰ O universo de ocorrências dessa variável é diferente, porque só são consideradas as ocorrências que têm um SN como sujeito, não são consideradas as ocorrências de sujeito pronominal, nem de sujeito não realizado.

4 O ENCAIXAMENTO SOCIAL DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR

Um dos aspectos destacados pelos Empirical Foundations for a Theory of Language Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e pelo balanço feito por Labov (1982) sobre o programa de pesquisa lançado por esse texto é a relação entre o “problema do encaixamento” e o “problema da transição”, que diz respeito a como a mudança se propaga, tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social. Nesse segundo plano, a distribuição social da variação linguística formaria uma imagem sincrônica do percurso da mudança linguística através da estrutura social da comunidade de fala, revelando, por exemplo, se a mudança estaria se propagando de cima para baixo, ou de baixo para cima, ou, antes ainda, se o processo de variação está estabilizado na comunidade de fala ou corresponde a um processo de mudança em progresso.

4.1 As variáveis sociais canônicas

A distribuição geracional da variação é um elemento crucial para se fazer o diagnóstico entre “variação estável” e “mudança em curso”. O princípio básico é o de que o indivíduo estabilizaria o seu comportamento linguístico ao final da adolescência (algo em torno de 15 a 20 anos de idade), o que definira a hipótese clássica (NARO, 2003b), em que se sustentam as análises em tempo aparente. Com base nesse pressuposto, um indivíduo com 35-40 anos de idade refletiria em sua fala o estágio de língua de 20 anos atrás, o de 55-60, o de 40 anos atrás, e assim por diante. Portanto, a comparação da fala de diferentes gerações ofereceria uma imagem do desenvolvimento diacrônico da língua em um período recente.

Porém, como destacado por Labov (1981), é preciso conjugar os resultados da variável faixa etária, com os de outras variáveis sociais, como sexo e classe social, para se chegar a um diagnóstico mais preciso se a variação observada atualmente reflete um processo de mudança em progresso, ou uma situação de variação estável. Por outro lado, Lucchesi (2004, 2012d, 2015) tem argumentado que, ao invés de fazer generalizações a partir de fatores sociais considerados isoladamente, a análise deve buscar uma interpretação

globalizante que articule o conjunto de variáveis sociais na tessitura histórica de cada contexto social específico.

Para a análise do encaixamento social do fenômeno em foco, foram consideradas inicialmente, as variáveis sociais idade (três faixas), sexo (dois sexos) e bairro do falante (quatro bairros), sendo a amostra de fala estratificada por essas variáveis, o que perfaz 24 células; com dois informantes escolhidos aleatoriamente para cada célula, chega-se ao total de 48 informantes. Foram consideradas ainda as variáveis escolaridade (opondo indivíduos analfabetos a semianalfabetos), exposição à mídia (alta e baixa) e rede de relações sociais (localizada ou dispersa), com base nas sistematizações de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005, 2011), conquanto essas variáveis não tenha entrado na estratificação da amostra, o que produz o risco de enviezamentos e superposições no processamento quantitativo dos dados.

Partindo da visão geral do nivelamento linguístico em curso no país (cf. Introdução deste artigo), a hipótese reitora prevê uma mudança em curso liderada pelos homens mais jovens, com alguma escolaridade, uma alta exposição aos meios comunicação de massa e com uma rede social mais dispersa. Os resultados das frequências de aplicação da regra em termos percentuais apontaram nessa direção, como se pode ver na tabela abaixo:

Tabela 9 – Frequência de aplicação da regra de concordância verbal, de acordo com as variáveis sociais, no português popular de Salvador

Variável	Fator	Ocorrências	Frequência
Idade	25-35 anos	203/654	31%
	35-45 anos	222/835	26,6%
	Mais de 65 anos	198/811	24,4%
Sexo	Homem	299/983	30,4
	Mulher	324/1.317	24,6
Escolaridade	Semianalfabeto	527/1890	27,9%
	Analfabeto	96/410	23,4%
Mídia	Alta	308/1.111	27,7%
	Baixa	315/1.189	26,5%
Rede	Dispersa	243/887	27,4%
	Local	380/1.413	26,9%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De fato, a frequência de aplicação da regra de concordância verbal é maior na fala dos mais jovens, dos homens, dos semianalfabetos, daqueles com uma exposição maior aos meios de comunicação de massa e com uma rede de relações sociais mais dispersa, ou seja, menos densa e uniplex. (BORTONIRICARDO, 2005, 2011; MILROY, 1980) Porém, as diferenças não chegam a ser significativas, nomeadamente, no que se refere à exposição à mídia e a rede de relações sociais, em que a diferença entre os fatores fica em torno de um ponto percentual, ou menos que isso, de modo que essas variáveis foram descartadas pelo GoldVarb, por falta de significância estatística. E, apesar da diferença entre semianalfabetos e analfabetos ser maior (em torno de quatro por cento), a variável escolaridade não foi selecionada com valor estatístico (com nível de significância de 0.898), o mesmo correndo com a variável idade. Porém, essa última apresentou um nível de significância bem próximo ao aceitável (0.099).¹¹ Por isso, vamos analisar agora os resultados dessa variável e da variável sexo, que foi selecionada pelo GoldVarb como estatisticamente relevante.

Os resultados da variável idade apontaram para um quadro de mudança aquisicional da regra de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural, no português popular de Salvador, já que a frequência de aplicação da regra sobe à medida que se passa das faixas etárias mais velhas para as mais novas (24%, na faixa III, 27%, na faixa II, e 31% na faixa I, dos mais novos),¹² o que se confirma nos pesos relativos, com os seguintes valores, respectivamente: 0.479, 0.483 e 0.549 (como se pode ver na Tabela 10). Tanto os percentuais quanto os pesos relativos apontam no sentido de uma intensificação do incremento do uso da regra no período mais recente, como se pode visualizar no Gráfico 2.

Tabela 10 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .099)

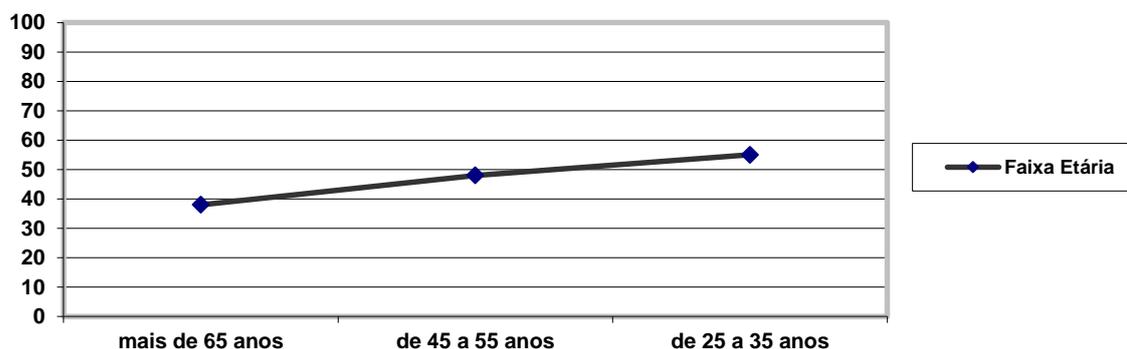
Faixa Etária	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	203/654	31%	0.549
Faixa II (45 a 55 anos)	222/835	26,6%	0.483
Faixa III (mais de 65 anos)	198/811	24,4%	0.479
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Elaborada pelo autor.

¹¹ Para ter valor estatístico, a rodada ponderada que inclui a variável em foco deve exibir um nível de significância inferior a 0.050.

¹² Percentuais arredondados.

Gráfico 2 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos



Fonte: Elaborado pelo autor

Na tradição dos estudos sociolinguísticos no mundo anglo-saxão, os achados empíricos têm delineado um perfil em que as mulheres têm se mostrado mais sensíveis às formas de prestígio social, liderando *a fortiori* as mudanças em direção ao padrão. (CHAMBERS, 1995, p. 102-103) Porém, esse perfil identificado nos grandes centros urbanos de países industrializados e com um bom índice de desenvolvimento humano não se reproduziu nas periferias das grandes cidades brasileiras, onde são os homens que lideram as mudanças em direção ao padrão de prestígio (BORTONI-RICARDO, 2011; RODRIGUES, 1987) observando-se o mesmo nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas formadas por descendentes diretos de escravos africanos. (LUCCHESI, 2009b) Nessas comunidades pobres da periferia das grandes cidades e da zona rural, enquanto as mulheres ficam mais presas ao universo doméstico, e mesmo ao trabalho de cultivo da roça, os homens estão mais inseridos no mercado de trabalho e mantêm mais relações com o mundo exterior, portanto acabam por assimilar primeiro as variantes que são trazidas de cima para baixo na escala social e de fora para dentro da comunidade.

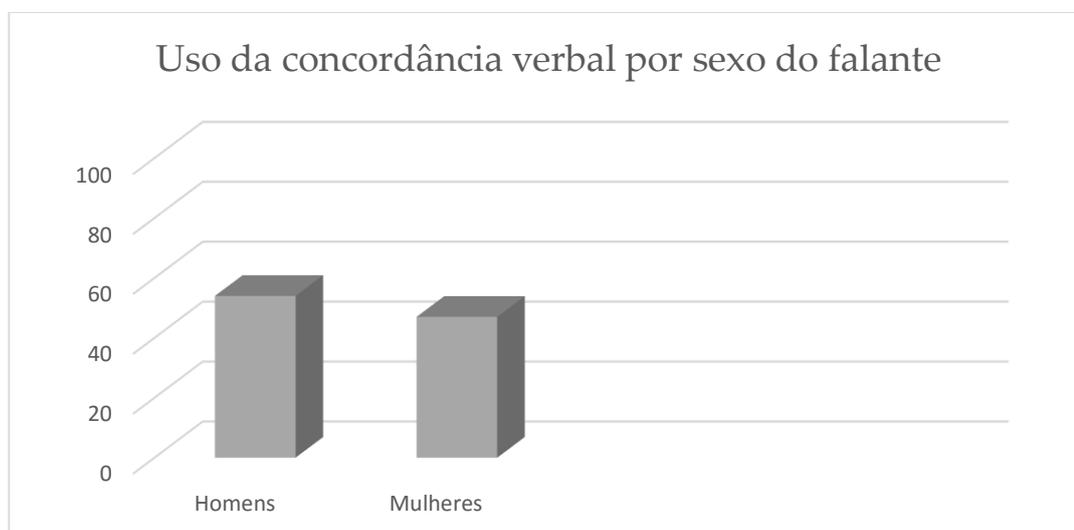
Os resultados da análise quantitativa da variável sexo no uso da regra de concordância verbal em quatro bairros populares da cidade de Salvador se ajustam ao que se viu nas periferias das cidades de São Paulo (RODRIGUES, 1987) e Brasília (BORTONI-RICARDO, 2011), como se pode ver na Tabela 11 e no Gráfico 3.

Tabela 11 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “sexo”, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Masculino	299/983	30,4%	0.541
Feminino	324/1313	24,6%	0.469
Total	623/2.300	27,1%	0.376

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável “faixa etária”, no português popular de Salvador, com base nos pesos relativos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados revelaram que são os homens que empregam mais a variante de prestígio da concordância verbal, com frequência de 30,4% (contra 24,6% das mulheres) e peso relativo de 0.541, contra um peso relativo de 0.469, das mulheres.

4.2 O uso da regra de concordância verbal pelos bairros populares de Salvador

Os resultados da variável bairro se mostraram interessantes e surpreendentes. Inicialmente, esperávamos encontrar uma maior frequência da aplicação da regra de concordância nos bairros populares mais tradicionais da cidade de Salvador, a saber: Liberdade, Plataforma e Itapoã. Assim, o bairro de

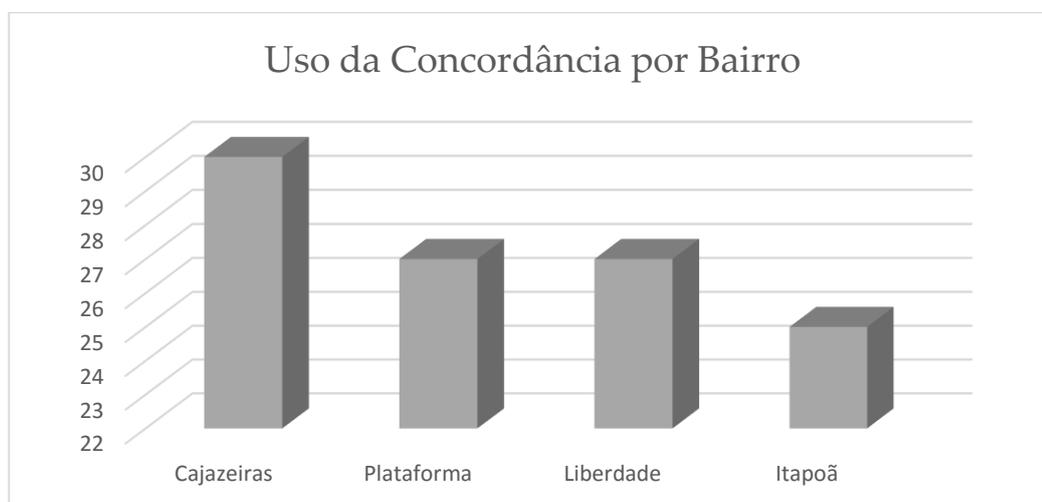
Cajazeiras, que se formou a partir da década de 1970, exibiria os mais baixos índices de uso da concordância verbal. Contudo, nossos pressupostos se revelaram inadequados, como se pode ver nos resultados da Tabela 12, com representação visual no Gráfico 4.

Tabela 9 – A aplicação da regra de concordância verbal pelos bairros, no português popular de Salvador (Nível de significância: .024)

Bairro	Ocorrências	Frequência	Peso relativo
Cajazeiras	145/486	29,8%	0.567
Plataforma	165/609	27,1%	0.513
Liberdade	126/467	27%	0.497
Itapoã	187/738	25,3%	0.447
Total	623/2.300	27,1%	0.382

Fonte: Elaborada pelo autor.

Gráfico 4 – Uso da regra de concordância verbal pelos bairros populares da cidade de Salvador, com base em frequências de aplicação da regra



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver na tabela e no gráfico, o bairro de Cajazeiras é o que exhibe a maior frequência de aplicação da regra, ficando em uma posição intermediária os bairros da Liberdade e Plataforma, enquanto Itapoã foi o bairro em que a regra menos se aplicou. Por ser de ocupação recente, o bairro de Cajazeiras é o que possui maior mobilidade social, além de um comércio

pujante. Sua composição social também é mais heterogênea. Tudo isso faz com que seus moradores se relacionem de forma mais dispersa e mais especializada – relações uniplex, na terminologia de Milroy (1980). Esse contexto favorece a que os indivíduos estejam mais suscetíveis ao padrão linguístico institucionalizado e imposto de cima para baixo. Já o bairro de Itapoã, é um bairro da orla marítima, mais afastado do centro da cidade, com suas origens em uma antiga colônia de pescadores. A amostra de fala analisada foi, inclusive, recolhida, em grande parte, em uma cooperativa de pescadores, ainda ativa no bairro. Essa tessitura social, com uma rede de relações mais densas e multiplex (ou seja, os indivíduos se relacionam entre si de múltiplas formas) favorece uma orientação para o grupo, preservando os padrões de comportamento local, em detrimento dos padrões sociais externos, como os impostos pela cultura oficial. (BORTONI-RICARDO, 2005, 2011; MILROY, 1980) Já, os bairros da Liberdade e de Plataforma ficariam em uma situação intermediária. São bairros tradicionais, como Itapoã, com uma tessitura social que aponta para uma maior coesão do grupo. Por outro lado, são bairros que se situam mais próximo ao centro da cidade. Com isso, muitos moradores se empregam no comércio e no setor de serviços da cidade, o que favorece a penetração dos padrões culturais institucionalizados e de prestígio social. Assim, a rede de relações sociais, que não foi selecionada como estatisticamente relevante (talvez em função de algum problema metodológico no seu controle), acabou por se manifestar na distribuição do fenômeno pelos bairros da cidade. Portanto, pode-se que pensar também que o efeito dessa variável é mais notável em agregados do que em indivíduos.

5 CONCLUSÃO

Os resultados quantitativos da análise multivariada da variação na concordância verbal junto à terceira pessoa do plural no vernáculo de indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade de quatro bairros populares da cidade de Salvador revelaram um fenômeno mais fortemente condicionado por fatores linguísticos do que sociais. A diferença morfofonológica entre a forma verbal flexionada e não flexionada revelou-se um fator preponderante na aplicação da regra. Houve um debate entre Naro (1981) e Guy (1989) na interpretação desse condicionamento. Para Naro (1981), a maior frequência de aplicação da regra de concordância nas formas verbais mais salientes refletiria

uma mudança progressiva de perda de marcas morfológicas que se teria iniciado nos contextos menos salientes, propagando-se para os contextos mais salientes, por analogia. Em contrapartida, Guy (1989) viu, no mesmo cenário, um reflexo de uma mudança aquisicional que se iniciava pelos contextos mais salientes, aqueles que são mais facilmente percebidos pelo falante que busca adquirir a regra. Adotamos aqui a leitura de Guy, pois, assim como ele, achamos pouco plausível que o falante replique um procedimento que é pouco percebido em contextos em que é mais notável, sobretudo porque se trata de um procedimento, a falta de concordância, que é socialmente rejeitado.

Os resultados quantitativos também confirmaram a relação entre a forma do último constituinte do SN sujeito e a aplicação da regra de concordância verbal. A marca de plural no constituinte do SN que antecede imediatamente o verbo favorece claramente a concordância. Esse favorecimento é mais forte quando se trata do pronome pessoal “eles/elas” ou de um determinante, do que quando se trata do núcleo nominal ou de um outro elemento flexionável em número do SN sujeito. Isso aponta mais no sentido de uma relação estrutural, com proeminência do sujeito pronominal e do especificador do SN sujeito, do que para uma simples “repetição mecânica”.

Os sujeitos dessa análise também se mostraram sensíveis a um estímulo à concordância nas perguntas do entrevistador. Quando o entrevistador empregou a regra de concordância verbal na pergunta dirigida ao falante, a frequência de aplicação dessa regra na fala deste aumentou. Isso pode ser tomado como uma evidência empírica indireta de que o falante tem alguma consciência do valor social associado ao uso da regra, embora não tenha sido possível aplicar testes de avaliação subjetiva do fenômeno, na pesquisa de campo. O traço semântico [+humano] do sujeito também favoreceu a aplicação da regra de concordância verbal, o que já tem sido demonstrado na maioria das análises variacionistas do fenômeno.

A posição do sujeito em relação ao verbo também se mostrou um fator relevante no condicionamento da aplicação da regra de concordância verbal. A realização do sujeito imediatamente antes do verbo favoreceu a aplicação da regra, que é fortemente inibida quando o sujeito está posposto ao verbo. Relacionamos isso ao processo de checagem de traços, proposto no âmbito do Programa Minimalista. (CHOMSKY, 1995) Como os processos sintáticos ocorrem sempre da direita para a esquerda, a presença do sujeito imediatamente à esquerda do verbo favorece a checagem dos traços de pessoa e

número e *a fortiori* a aplicação da regra de concordância. Associado a isso está o resultado da variável tipo de verbo, em que os verbos intransitivos não agentivos (também chamados de inacusativos, no âmbito da Gramática Gerativa) desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal, porque a posposição do sujeito nesses casos é mais frequente e natural. Assim, o papel temático de PACIENTE associado ao sujeito se mostrou um fator que inibe fortemente a aplicação da regra de concordância verbal, como ocorre nos contextos de orações na voz passiva e construções ergativas, e o papel temático de AGENTE associado ao sujeito favoreceu-a. Além disso, os verbos auxiliares e de ligação também favoreceram a concordância, o que pode ser explicado pelo caráter gramatical desses verbos que, muitas vezes, nada mais são do que a expressão gramatical das marcas da flexão verbal. Por fim, a aplicação da regra de concordância de número no âmbito do SN sujeito se mostrou um fator que favorece bastante a aplicação da regra de concordância verbal, o que explicamos através do princípio da coesão estrutural (LUCCHESI, 2000; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009), fundado na coesão que une o sujeito ao verbo, como especificador do mecanismo da concordância.

Já o encaixamento social do processo de variação apontou para uma mudança em progresso no sentido do incremento do uso da regra de concordância verbal nos segmentos da base da pirâmide social da cidade de Salvador. As evidências empíricas que suportaram essa leitura foram a maior frequência de aplicação da regra na fala dos jovens do sexo masculino. A difusão da regra de concordância verbal “de cima para baixo” na estrutura social ajusta-se ao previsto no algoritmo da polarização sociolinguística do Brasil. (LUCCHESI, 2001, 2002, 2015) Uma análise mais detalhada do fenômeno nas variedades populares do português popular do estado da Bahia, prevista para o futuro, poderá lançar mais luzes sobre esse processo de nivelamento linguístico atualmente em curso no país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. S. de F. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 65-83, 1997.

-
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola e agora?* Sociolinguística e Educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.* São Paulo: Parábola, 2011.
- CHAMBERS, J. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance.* Oxford: Blackwell, 1995.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding.* Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its origin, nature and use.* New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program.* Cambridge: The MIT Press, 1995.
- GALVES, C. Concordância e origens do português brasileiro. In: SEDRINS, A. P. et al. (Org.). *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura.* Maceió: EDUFAL, 2012. p. 123-149.
- GANDRA, A. S. A concordância verbal no português europeu rural. In: OLIVEIRA, K.; SOUZA, H. C. e; GOMES, L. (Org.). *Novos Tons de Rosa.* Salvador: EDUFBA, 2009. p. 142-161.
- GRACIOSA, D. *Concordância verbal na fala culta carioca.* 1991. 118 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- GUY, G. R. On the nature and origins of vernacular Brazilian Portuguese. In: UNIVERSIDAD DE LOS ANDES. *Estudios sobre Español de América y Linguística Afroamericana.* Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989. p. 226-244.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa.* São Paulo: Parábola, 2007.
- KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, Cambridge, n. 3, p. 199-244, 1989.
- KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory.* Massachusetts: Blackwell, 2001. p. 699-729.
- LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREEN, H. (Ed.). *Variation Omnibus.* Edmonton: Linguistic Research, 1981. p. 177-199.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change.* Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: the essential readings.* Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola, 2008.
- LEMLE, M.; NARO, A. Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras, Fundação MOBREAL e Fundação Ford.* Rio de Janeiro, 1977.

LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.

LUCCHESI, D. Grandes territórios desconhecidos. *Alfal: revista de lingüística*, São Paulo, n. 14, p. 191-222, 2002a.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002b. p. 63-92.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Brasília, v. 5, n.1/2, p. 83-112, 2006.

LUCCHESI, D. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008a. p. 151-180.

LUCCHESI, D. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008b. p. 366-390.

LUCCHESI, D. História do contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 41-73.

LUCCHESI, D. Caracterização sociolinguística do português afro-brasileiro. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 535-542.

LUCCHESI, D. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de língua portuguesa no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 83, p. 163-187, jan./jun. 2011.

LUCCHESI, D. A ciência da linguagem e o ensino de língua portuguesa: o caso do livro de português do MEC. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (Org.). *Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012a. p. 167-188.

LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Linguística Galega*, Santiago de Compostela, n. 4, p. 45-65, jul. 2012b. LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão

crítica. In: LOBO, T. et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012c. p. 249-274.

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, maio/ago. p. 793-805, 2012d.

LUCCHESI, D. O contato entre línguas e a origem do português brasileiro. In: GUGENBERGER, E.; MONTEAGUDO, H.; REI-DOVAL, G. *Contacto de línguas, hibrididade, cambio: contextos, procesos e consecuencias*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2013.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. M. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D.; RIBEIRO, I. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 125-153.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MILROY, L. *Language and Social Network*. Oxford: Blackwell, 1980.

MONGUILHOTT, I. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2001.

MONGUILHOTT, I. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009.

MOTA, M. A.; et al. A concordância de p6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância. *Papia: revista de criolos de base ibérica*, Brasília, n. 22, v. 1, p. 161-188, 2012.

NARO, A. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, LSA, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

NARO, A. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003a. p. 15-26.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003b. p. 43-50.

-
- NARO, A.; SCHERRE, M. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, p. 437-454, 1993. Número especial.
- NARO, A.; SCHERRE, M. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, n. 3, p.17-34, 1999.
- NARO, A.; SCHERRE, M. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NINA, T. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Micro Região Bragantina*. 1980. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.
- PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.
- POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.
- RODRIGUES, Â. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. 1987.
- ROUGÉ, Jean-Louis. A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 63-74.
- RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto.
- SCHERRE, M. Mar P. Paralelismo lingüístico. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.
- SCHERRE, M.; NARO, A. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.
- SCHERRE, M.; NARO, A. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.
- SCHIFFRIN, D. Tense and variation in narrative, *Language*, LSA, n. 57, v. 1, p. 5-62, 1981.
- SIEGEL, J. *The Emergence of Pidgin and Creole Languages*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, C. M. B. de. *A Concordância verbal na fala de Salvador: duas realidades sociolinguísticas*. 2009. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VAREJÃO, F. de O. A. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. 2006. 187 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, S. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. 1995. 186 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. Patterns of third person plural verbal agrément. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006. (Lingua[gem], 18).